



PROCESSOS POLÍTICOS QUE ENVOLVEM A PRODUÇÃO E ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO

Thaislayne Nunes de Oliveira
(Organizadora)

Atena
Editora

Ano 2019



PROCESSOS POLÍTICOS QUE ENVOLVEM A PRODUÇÃO E ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO

Thaislayne Nunes de Oliveira
(Organizadora)

Atena
Editora

Ano 2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Karine de Lima
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Faria – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
P963	Processos políticos que envolvem a produção e organização do espaço [recurso eletrônico] / Organizadora Thaislayne Nunes de Oliveira. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-889-2 DOI 10.22533/at.ed.892192312 1. Geografia humana – Pesquisa – Brasil. I. Oliveira, Thaislayne Nunes de. CDD 304.2
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

É sabido que o seres humanos se organizam no tempo-espaço e modificam-se a partir das respectivas relações sociais de dada a conjuntura histórica. Nesse sentido, evidencia-se a modificação das paisagens naturais transformadas milenarmente, no Brasil e no mundo, que foram determinadas por padrões socialmente construídos e balizadas por avanços científicos e tecnológicos. Entretanto, não podemos perder de vista que as transformações geográficas são intrínsecas aos processos de organização da sociedade, sobretudo no que tange a geopolítica e os contextos: histórico, cultural, social, econômico e político.

O livro “Processos Políticos que envolvem a Produção e Organização do Espaço” é composto por oito artigos, que tratam de diferentes situações locais articulados as mudanças globais. Para tanto, foi subdividido em dois blocos centrais, o primeiro composto por aspectos relacionados à globalização e análises internacionais. E no segundo os autores tratam de casos da realidade brasileira.

De maneira introdutória os autores realizaram análise acerca da transformação da paisagem, abordando aspectos relacionados ao desenvolvimento local, regional e necessidade de adequações aos parâmetros globais, a chamada globalização. De mais a mais, os autores narram às fragilidades dos ajustamentos locais mediante as necessidades globalizadas, que perpassam a configuração do mercado, consumo, valor e lucro, sobremaneira por ser tratar de uma sociedade inerente à ordem capitalista.

Esse foi o “start” da discussão internacional, que aborda questões relacionadas a fronteiras territoriais e outras situações da contemporaneidade, inicialmente exibindo a experiência das cidades localizadas na República Dominicana e no Haiti, e, posteriormente discorrendo sobre os conflitos geopolíticos por recursos minerais no Congo, oportunizando a apresentação da construção histórica deste país.

O segundo bloco é composto por textos que versam sobre a realidade brasileira. Apresentando experiências dos Estados Mato Grosso do Sul, Maranhão, São Paulo (Santos), Rio de Janeiro (Resende) e também uma análise regional. Neste bloco a discussão permeou aspectos sobre a construção da educação e memória geográfica do Brasil, o processo de desenvolvimento urbanístico das relações sociais, o avanço tecnológico e reflexões sobre o processo da globalização. Abordando ainda a discussão sobre indígenas, camponeses e quilombolas.

Além disso, os autores evidenciam a construção do espaço urbano, que foi analisada sob a ótica da desproteção do Estado e respectivas mazelas sociais, que são engendradas ao processo de urbanização e industrialização. Os últimos capítulos revelam estudos de casos em cidades da região sudeste do Brasil, os quais refletem os diferentes tipos de situações associadas à (re)configuração das cidades, conformação das grandes metrópoles, reestruturação produtiva, expansão urbana e dinâmica das transações imobiliárias.

Neste livro, o leitor poderá aproximar-se da discussão da organização do espaço,

inclusive com ponderações sobre os diferentes momentos históricos e processos transversais. Cabe destacar que o assunto é mundialmente pertinente e atual, uma vez que as problemáticas vivenciadas por todos os países influem também nas relações exteriores, tal como a situação dos refugiados. Logo, reafirma-se a relevância de analisarmos a construção do espaço e aspectos documentadamente inerentes.

Afinal, para compreendermos aspectos presentes no contexto atual faz-se necessário aprendermos o desenrolar das conformações históricas da sociedade, que justificam os padrões construídos e as modificações milenares, e, fundamentam a construção do conhecimento da atualidade. Embora essa afirmação seja inequívoca, com as fragilidades do contexto atual faz-se necessário reafirmarmos as obviedades. Sendo assim, ratifico a importância desta leitura, que evidencia análises imprescindíveis e contemporâneas.

Thaislayne Nunes de Oliveira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
TRANSFORMAÇÕES DA PAISAGEM – O SACRIFÍCIO LOCAL PELO ZELO GLOBAL	
Geovana Freitas Paim	
DOI 10.22533/at.ed.8921923121	
CAPÍTULO 2	12
ZONAS TRANSFRONTEIRIÇAS, DELIMITAÇÃO SOCIOESPACIAL E TERRITORIAL DO ESTADO: O CASO DA CIDADE DE JIMANÍ (REPÚBLICA DOMINICANA) E POSTO FRONTEIRIÇO DE MALPASSE/ FONDS-PARISIEN (HAITI)	
Guerby Sainté	
DOI 10.22533/at.ed.8921923122	
CAPÍTULO 3	24
CONGO: CONFLITOS GEOPOLÍTICOS POR RECURSOS MINERAIS	
Dante Severo Giudice	
André Lucas Palma Barbosa	
Cíntia Silva de Jesus	
Mariana Oliveira Santana	
DOI 10.22533/at.ed.8921923123	
CAPÍTULO 4	36
AS TECNOLOGIAS E A RELAÇÃO LOCAL-GLOBAL: DISCUTINDO DIVERSIDADE E CONFLITOS NA DISCIPLINA DE GEO-HISTÓRIA E TERRITORIALIDADES	
Jaqueline Machado Vieira	
Rodrigo Simão Camacho	
DOI 10.22533/at.ed.8921923124	
CAPÍTULO 5	56
MEMÓRIA E ENSINO DE GEOGRAFIA POLÍTICA NA CASA DO IDOSO DE IMPERATRIZ – MA	
Diego Armando de Sousa Paz	
Fernanda Ferreira Silva Sanches	
Allison Bezerra Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.8921923125	
CAPÍTULO 6	72
IDEAL DE CONSUMO E URBANIZAÇÃO: A VIOLÊNCIA URBANA E SUAS FACES NAS METRÓPOLES DO SUDESTE BRASILEIRO	
Kauê Santos Lima	
DOI 10.22533/at.ed.8921923126	
CAPÍTULO 7	86
PRODUÇÃO E ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO, OS SISTEMAS POLÍTICOS E A PRIMAZIA DA CIDADE DE SANTOS, SP	
Hilmar Diniz Paiva Filho	
Roberto Righi	
DOI 10.22533/at.ed.8921923127	

CAPÍTULO 8	97
REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA EM CIDADES MÉDIAS: DINÂMICA IMOBILIÁRIA RESIDENCIAL E EXPANSÃO URBANA EM RESENDE- RJ	
Marília Baldo Simões	
DOI 10.22533/at.ed.8921923128	
SOBRE A ORGANIZADORA	110
ÍNDICE REMISSIVO	111

IDEAL DE CONSUMO E URBANIZAÇÃO: A VIOLÊNCIA URBANA E SUAS FACES NAS METRÓPOLES DO SUDESTE BRASILEIRO

Kauê Santos Lima

CONSUMPTION AND URBANIZATION IDEAL: URBAN VIOLENCE AND ITS FACES IN THE METROPOLISES OF SOUTHEAST BRAZIL

RESUMO: No presente trabalho pretendemos fazer considerações sobre o atual discurso e forma do consumo, tratando da relação social desse ideal com o processo de urbanização nacional, que se encontrou focado na região Sudeste do país, em um contexto de imigração da população principalmente da região Norte por problemas agrários que, em busca de novos horizontes de vida, forçadamente necessitaram imigrar, se tornando parte do contingente populacional que vivenciou o processo de industrialização em sua gênese. Através da organização e levantamento bibliográfico, traçamos o relacionamento do consumo e da industrialização como processos importantes para a formação do espaço urbano atual e toda sua complexidade material e imaterial, tendo como expoente a violência urbana e o papel da periferia como violentados e violentos, desmistificando o caráter bruto e naturalmente violento dos pobres, desenvolvendo também o papel que exerce e cabe ao Estado e suas instituições, assim como seu envolvimento na estruturação da violência urbana como agente.

PALAVRAS-CHAVE: Consumo, Urbanização, Violência, Metrôpoles.

ABSTRACT: In this paper we intend to make considerations about the current discourse and form of consumption, addressing the social relationship of this ideal with the process of national urbanization, which was focused on the Southeast region of the country, in a context of immigration of the population mainly from the North region. by agrarian problems that, in search of new life horizons, forced to immigrate, becoming part of the population contingent that lived the process of industrialization in its genesis. Through the organization and bibliographic survey, we trace the relationship of consumption and industrialization as important processes for the formation of the current urban space and all its material and immaterial complexity, having as an exponent urban violence and the role of the periphery as violated and violent, demystifying the gross and naturally violent character of the poor, also developing the role and role of the state and its faculties, as well as their involvement in structuring urban violence as an agent.

KEYWORDS: Consumption, Urbanization, Violence, Metropolises

INTRODUÇÃO

O contexto em que existimos atualmente é formado por fenômenos de grandes escalas, muitos até mesmo globais, como todo o complexo de consumo instaurado, e que atualmente alcança um grande nível de intensidade, degradando o meio natural, o meio social, e o ser humano em suas instancias físicas e psicológicas. Pretendemos associar toda a construção e desenvolvimento histórico do consumo e suas formas desde o Ocidente até a condição de um expoente de escala quase que global em que se encontra atualmente, com o processo de urbanização brasileiro e industrialização do Sudeste, abordando parâmetros da violência urbana resultada do processo de entrelaçamento desses três fenômenos no Brasil.

Dentro desse contexto, nos dispomos a analisar a violência urbana enfatizada sobre a figura construída da periferia como ambiente de pessoas violentas e brutais, na tentativa de desmistificar a periferia e a pobreza como únicos agentes da violência urbana, com uma abordagem sistemática da história do espaço da região Sudeste e suas condições socioespaciais até os dias atuais, tratando das ações do estado e suas instituições e as instituições privadas como agentes da violência contra os cidadãos, e como isso se desenrola meio a detenção do poder que lhes é pertencente, passando pela complexidade de defesa dos interesses próprios e da corrupção em suas formas mais recentes.

Baseados em uma metodologia dialética, estruturada a partir de pesquisa bibliográfica nas áreas da psicologia, da história e da geografia, com utilização de dados recentes, trabalhando sobre a perspectiva de similaridades dos fenômenos sofridos pelas cidades do Sudeste, pretendemos salientar parte das contradições que cercam a complexa problemática da violência nas cidades grandes, e como essas contradições se mascaram ou se escancaram para formatar o espaço e sua realidade assim como se encontra instaurada hoje em dia.

Faces do consumo e do consumismo

Na realidade social atual do Ocidente, esta estabelecido um estado de consumação exorbitante, transitante a nível social, cultural e econômico. Quando abordamos a temática dessa cultura do consumo tratamos mais especificamente sobre produção e reprodução de modos de vida, ou seja, maneiras de existir, sentir, analisar, se expressar e representar a realidade através do ato de consumo de mercadorias, ato esse fundamentado na insaciabilidade e na tentativa da satisfação desse sentimento, na compressão do espaço-tempo e pelo surgimento de novas necessidades e expressões humanas. (BUSNARDO, 2007)

O estilo de vida fundado no consumo pode ser caracterizado como emergente a partir da Revolução Industrial, segundo Campbell (2001), a partir do século XVIII o ato de consumir tomou novos significados sociais, iniciando-se em uma onda de intensa aquisição material por parte da elite da Inglaterra, que fez com que profissionais liberais,

pequenos comerciantes e as classes baixas almejassem igual poder de consumo de objetos. Essa imitação social das demais classes em relação à elite inglesa produziu a instalação permanente de um ideal de consumo que, fantasiosamente levaria à satisfação e ao conforto, supostamente uma vida perfeita em seus mais complexos âmbitos, subsequente da aquisição material intensa.

Para MacCracken (2003), esse consumo moderno é um fruto histórico, o modo com que ele se dá atualmente advém das mudanças sociais, econômicas e culturais ocorridas nos diversos séculos que se passaram até o presente momento. A partir do século XIX, o Ocidente foi exposto a novos modos de vida e de consumo, e com isso novos modos de interação entre pessoas e objetos, ocasionada em partes pela Primeira e posteriormente Segunda Revolução Industrial. Para, além disso, se sucedeu toda uma nova arquitetura para que os produtos fossem consumidos, novas estratégias de propaganda empregando uma estética mais elaborada, incluindo motivos culturais para tal aquisição e até apelos sexuais, articulados para agregar valor à mercadoria, com o passar do tempo, foram cada vez mais sendo incluídos significados sociais na mercadoria para ampliar seu valor.

É de grande importância realizarmos algumas reflexões sobre o termo consumo, o que ele significa socialmente hoje em dia? Para Costa, o termo consumir a priori se restringe especificamente a substâncias metabolizáveis, ou seja, consumo é uma ação biológica, é a relação entre substância e metabolismo envolvendo as mais diversas esferas e ações orgânicas, mas esse termo foi transpassado e adotado socialmente pelo fato da velocidade de produção, nos vemos como consumidores e não como compradores, pois a velocidade de produção acaba nos impondo a velocidade de consumo, sendo ela equivalente com a de produção, produz-se muito rápido, se compra muito rápido e se descarta muito rápido, desse modo consumir é uma metáfora que alude à relação da rapidez com que compramos novos itens e inutilizamos os antigos.

Toda a construção histórica do consumismo moderno ocidental foi iniciada na Inglaterra do século XVIII, nos dias de hoje o ideal consumista se encontra consolidado em proporções quase que inexpressáveis, com grande colaboração da globalização, que ocasionou a rápida explanação da cultura do consumo e a sua penetração e solidificação por toda organização social ocidental, devemos nos atentar à intensificação desse ideal com seu desenvolvimento e reforço histórico até o momento, abarcando todas as relações pessoais e interpessoais que compõem toda essa rede.

Vemos por exemplo os Estados Unidos, maior expoente do consumismo globalmente existente hoje, diretamente associado ao sonho americano e o lugar ao sol, onde o princípio prevalecente é a servidão do meio ambiente em bel prazer dos humanos, suprimindo-lhes as necessidades e os mais severos e íntimos luxos, que culminam em uma insustentabilidade de produção e de descarte.

Atualmente o consumo também atinge veemente as vias da psique humana, Sannett (2006) explica em sua obra *The Culture of the New Capitalism* que, o sujeito projeta o agrupamento e a relação de suas emoções nas mercadorias e em seu

simbolismo social, adquirindo-a para anexar significado a sua identidade, em busca de uma identificação de si com o universo vivenciado, buscando também reconhecimento e inclusão social.

Mais do que nunca o conceito de Sociedade do Espetáculo desenvolvida por Guy Debord é relevante para representar a realidade vivida em relação a esse tema, Debord (1968) caracteriza a relação do sujeito com as mercadorias, defendendo que as imagens e significados até mesmo fantasiosos que o objeto produz no sujeito, ocasiona toda uma sociedade que baseia e traduz suas vivências em aquisição massiva de mercadorias, buscando significados concretos de modo fracassado, inclusive fazendo com que as relações sociais se distanciem e se distorçam de modo generalizado.

As faces da mercadoria

É fundamental para pensarmos as atuais facetas da cultura de aquisição material massiva, as questões que envolvem a mercadoria, no nosso caso, devemos fazer certas considerações e observações a respeito do valor econômico e do valor simbólico-social. Devemos nos atentar ao fato de que o valor econômico e simbólico da mercadoria são constituídos socialmente, como nos mostra Marx (1867), os produtos possuem dois tipos de valor, o de uso, que representa o valor da utilização de tal produto e o valor de troca, que é o valor mercantil do produto. O valor de troca é constituído da quantidade de trabalho abstrato ou socialmente mobilizado para produzir a mercadoria, a quantidade de trabalho inclusa no produto é o que define sua grandeza e a grandeza define por quais produtos e em que proporção essa mercadoria pode ser trocada.

O autor nos explica que os valores possuem propriedades e origem diferentes, o valor de uso se mostra importante para a pessoa que adquire uma mercadoria pensando no seu uso e sua aplicabilidade, que é o único princípio útil para se adquirir algo, já o valor de troca se restringe ao único princípio de trocar esse produto por algo de igual grandeza, por exemplo, a forma dinheiro, ou seja, o valor de uso representa a importância utilitária de um produto, e o valor de troca representa a relação social de unicamente produzir algo não com o fundamento de utiliza-lo, mas sim de troca-lo com quem se interessa pelo valor de uso desse produto. Dessa forma, uma produção só possui a forma mercadoria quando essa está sendo produzida unicamente com o fim de ser trocada e não utilizada.

Em relação à forma mercadoria Marx esclarece que:

A mercadoria é, antes de tudo, um objeto externo, uma coisa que, por meio de suas propriedades, satisfaz necessidades humanas de um tipo qualquer. A natureza dessas necessidades – se, por exemplo, elas provêm do estômago ou da imaginação – não altera em nada a questão. Tampouco se trata aqui de como a coisa satisfaz a necessidade humana, se diretamente, como meio de subsistência, isto é, como objeto de fruição, ou indiretamente, como meio de produção (MARX, 1867, pag. 158).

Na realidade contemporânea a mercadoria tomou novas dimensões e, portanto novos significados e papéis. Busnardo (2007) indica que, a partir do século XVIII o consumo se tornou emergente e observa que a maior parte dos produtos era supérflua, isso devido a uma mudança no sistema de valores e ações que ocasionou uma mudança em relação ao juízo do lazer, a recente óptica de que o lazer é necessário ao ser humano valorizou essa ação, criando assim um mercado que visa o lazer e o bem-estar, mercado esse dominado pelo consumo da classe média e com pequena participação da classe baixa.

Podemos observar que as novas circunstâncias do consumo faz com que o conceito de valor da mercadoria de Marx não nos sirva mais, pois o valor da mercadoria no século XXI não corresponde mais a quantidade de trabalho abstrato contido em sua existência, agora, o valor social se sobrepõe determinantemente, como mostra os produtos de grifes mundialmente importantes, em que os preços de roupas e acessórios superam dezenas de milhares de reais sendo que são produzidas por mão de obra escrava em países subdesenvolvidos ou com mão de obra a baixo custo.

Campbell (2001) salienta que o movimento literário do romantismo teve uma importante participação nessa mudança de valores em relação ao lazer. Segundo ele o movimento influenciou o culto e, conseqüente valorização das emoções, dando espaço ao culto ao lazer, que envolve o consumo de bens supérfluos como mencionado anteriormente, no período da idade média o luxo e a busca por ele era incentivado como meio de movimentar a economia ainda mercantilista.

A psiquiatra Ana beatriz Barbosa Silva (2014), nos revela que na segunda metade do século XX houve um intenso desenvolvimento do marketing, unicamente com o objetivo de, e de fato, fazendo com que a informação dos lançamentos das produções fosse anunciada e espalhada para a sociedade. Atualmente, no século XXI, o marketing tomou a qualidade de designador da identidade do produto, visto que, nos encontramos em um cenário dominado pelas corporações, que através das marcas e grifes, tentam construir, ou ao menos passar, a imagem de que são estilos e ideais de vida, com seus mais repletos conceitos, tal papel designador de uma identidade causa o efeito de humanização da mercadoria, não é apenas um produto, é uma identidade que o mercado criou para ser consumida e aderida por nós, não buscamos e construímos a nossa identidade, a consumimos através da sutil relação entre imposição/exposição e nossa própria consciência de estarmos comprando e consumindo, com essa sacada, o mercado incluiu com sucesso em sua agenda para este século, o ideal de conceitual.

Tal fato simboliza uma grande inversão, que acaba por acometer todas as instâncias da sociedade e muitas da psique humana. Anteriormente a esta inversão, consumíamos os produtos de acordo com a nossa identidade, agora, a posteriori dessa inversão, temos uma identidade, pois a conseguimos consumindo produtos que as tragam com sigo, isso nos leva a uma reflexão e ponderação interessantes. Possuímos identidade, pois a conseguimos através da consumação dos produtos, porem estes, possuem apenas a identidade que lhes é atribuída intencionalmente

pelo mercado, e não por sua essência, ela em si mesma, pois objetos são isentos de identidade, logo, somos sujeitos com identidades adquiridas, transpassadas a nós por objetos humanizados e personificados falsamente, ou seja, por objetos vazios, desse modo, procuramos nos identificar nas fontes erradas, que não nos representam na qualidade de sujeitos.

Configurações iniciais dos espaços periféricos brasileiros

O Brasil é um dos maiores países do mundo, visando a sua extensão territorial e também o número absoluto de sua população, visto isso, os espaços periféricos brasileiros divergem entre si caracteristicamente, sendo heterogêneos, possuindo diversas particularidades geográficas e de vários outros âmbitos que compõem a realidade concreta das periferias. Tendo em vista essa heterogeneidade, seria audacioso, e para, além disso, errôneo, que fizéssemos uma generalização das características das periferias do país, desse modo, desrespeitando e retratando distorcidamente a realidade e a singularidade desses espaços, logo, optamos por retratar as periferias metropolitanas da região sudeste, que possuem um índice menor de divergência de aspectos entre si, desse modo, trabalhando com as semelhanças que são presentes e fortemente precisas, comumente, para definir esses espaços.

Iniciemos então a nossa análise primordialmente com uma reflexão a respeito do termo periferia, em que a priori, se trata da formação espacial se atentando para o plano territorial onde se encontra a relação geométrica centro-periferia, que se trata da distância física (Chaveiro e Anjos, 2007), mas que, segundo os mesmos autores, trabalhando a ideia de Lefebvre, na sociedade urbano-industrial, esse termo toma novo panorama, em que periferia representa não apenas distância física, mas também uma distância social.

É imprescindível uma observação a respeito das características sociais e espaciais existentes previamente ao surgimento do Brasil urbano-industrial. Nosso cenário se inicia solidamente no século XX, em que se inicia a torpe “higienização” urbana, primariamente realizada no Rio de Janeiro, graças à reforma urbana realizada pelo prefeito Pereira Passos no início do século, política pública com o foco sobre o desenvolvimento infraestrutural do centro, suas vias e de projetos de habitações inspiradas nas parisienses (Ferreira, 2009).

Com o projeto urbanístico de Pereira Passos, a população pobre foi levada para os espaços periféricos, população essa fundamentalmente formada por negros e seus descendentes, que foram os primeiros, por pura pressão social da elite e do Estado, com seu ímpeto e essência segregatória, a morarem nos morros e rebarbas da cidade, iniciando o processo de favelização nessas áreas. A qualidade de disparidade social e não apenas física da periferia, se deu no Brasil, diferente da França, não apenas por pressão da sociedade urbano-industrial, mas antecipadamente como consequências também das políticas abolicionistas insensatas, que, por parte do Estado, não ofereceram

subsídios básicos para a inserção dessa parcela na sociedade, e anteriormente os soldados que lutaram na Guerra de Canudos chegaram ao Rio de Janeiro sem moradias, sobrando-lhes o Morro da Providencia como espaço habitacional, sendo considerada a primeira favela nacional.

Tomando agora como panorama o território nacional, prestemos atenção para o início de todo esse processo macabro a partir de Milton Santos (1993), que nos indica que o processo de urbanização brasileiro se inicia ainda no séc. XVIII, se caracterizando mais por uma aglomeração populacional e formação das cidades do que sendo um processo de urbanização propriamente dito, que se inicia de fato, e toma proporções mais notáveis, no século posterior, em que se passa de 6,8% da população total residindo nos espaços urbanos para 10,7%, entre os anos de 1890 a 1920.

Entre 1920 e 1940, já com o início do processo de industrialização, em seu sentido amplo, não apenas formação das indústrias, mas sim, abarcando toda a questão social e política de integração nacional e estruturação do mercado interno, nos deparamos com um crescimento populacional urbano digno de observação, indo dos 10,7% para 26,35% (Santos 1993). Tais números se intensificam ainda mais da década de 40 a 50, em que a industrialização nacional se encontra em seu auge. Nessas décadas a agricultura se foca na monocultura, na intensão de ampliar seus planos de importação, se mecaniza e acaba por monopolizar a terra, formando latifúndios e causando a expulsão dos camponeses, que se veem obrigados a se deslocarem para os núcleos urbanos, que se desenvolviam industrialmente, em busca de emprego (Ribeiro, 1995).

Ainda segundo Ribeiro (1995), tal êxodo rural, um dos mais agressivos já ocorridos, levou ao desastre de uma organização urbana caótica, pois os núcleos urbanos em formação não possuem infraestrutura para tal contingente que se deslocará e se acomodará nesses locais, resultando em condições de subsistência material precárias e uma intensa disputa por empregos, existentes em menor número que essa parcela populacional, assim, resultando em uma “miserabilização” em larga escala dessas pessoas. Desse modo, as pessoas tiveram que se acomodar nas periferias, levando a intensa consolidação e expansão das mesmas, pois não havia condições de viverem nos centros, que acomodavam mais infraestrutura e maior custo de vida, aqui se encaixa perfeitamente então, a observação de Lefebvre, sobre os subúrbios da sociedade urbano-industrial, área que guarda grande contingente populacional, na qualidade de mão de obra, para atender as necessidades de produção industrial.

A aglomeração urbana, com o passar do tempo, foi crescendo e se acumulando cada vez mais, e conseqüentemente, o índice populacional periférico também, em 1940 a população urbana era de 10.891,000 habitantes (Santos, 1993) passando para 160.925.792 em 2010, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

Atual quadro das metrópoles da região Sudeste e observações iniciais sobre a violência

Atualmente, a região Sudeste abriga as três maiores metrópoles do país, São Paulo - SP, com um arranjo populacional de 19.629.394 habitantes, Rio De Janeiro - RJ, com 11.946.398 habitantes e Belo Horizonte – MG, com 4.744.706 habitantes, como constam os dados do IBGE sobre arranjos populacionais urbanos do censo realizado em 2010, ainda com os dados disponibilizados pelo censo, temos que, no Sudeste brasileiro ainda estão localizadas mais cinco grandes regiões metropolitanas, sendo elas as sedes urbanas, em ordem de grandeza populacional absoluta, as regiões de: Campinas – SP, a Grande Vitória – ES, Baixada Santista – SP, São José dos Campos – SP e Sorocaba – SP, somando 7.212.939 habitantes.

Tais números assombrosos representam moderadamente, mas ainda pertinentemente, a condição e as circunstâncias da violência urbana nas grandes cidades. Como Morais (1981) nos indica, a complexa estruturação social das grandes metrópoles atinge o patamar psicológico de todo o coletivo que se encontra nesse mesmo espaço, instaurando consciente e inconscientemente a sensação de medo, mas essa tensão alcança tão grande proporção que acabamos por naturalizar essa sensação de fragilidade e de possibilismo do absurdo, como ele mesmo destaca, podemos observar isso constantemente com frases do tipo “na cidade grande tudo é possível”, e o fato de tudo ser possível nos leva a refletir, quais coisas são essas todas possíveis? E nossas vivências cotidianas fazem nossa imaginação achar resposta negativas, que nos amedrontam em forma de prevenção, a evitar todo esse universo de possibilidades prejudiciais a nós.

O autor destaca também a funcionalidade de destaque que a sociedade urbano-industrial possui nessa situação como um todo, tal modo de organização é sustentado pela ideologia de produção instaurada pelo capitalismo, que acompanha toda a formação do ideal de consumo, sendo assim, a ideologia capitalista que sustenta toda essa produção material, sustenta juntamente todo o ideal de consumo e também a produção do espaço, fundamental para todo o processo, esses três formam o conjunto que dita a condição psicológica e de ação que o coletivo humano vivencia cotidianamente no espaço urbano.

Consumo e violência urbana e suas faces nas Metrôpoles do Sudeste

Além da questão do medo, que é uma consequência da violência urbana, e acaba por se transformar em uma, pois coroe o psicológico dos cidadãos rotineiramente, o espaço urbano metropolitano apresenta outras diversas faces da violência. Como reflete Morais (1981), para construirmos um retrato da violência urbana que seja coerente com a realidade, devemos pensar violência em seu mais amplo significado, que se trata de tudo que ameaça e, de fato, degrada a integridade do todo e qualquer

sujeito fisicamente, socialmente e psicologicamente, ou seja, em qualquer esfera que constituía o sujeito.

A partir dessa definição de violência, devemos observar quais situações e ações que ocorrem dentro da configuração urbana das metrópoles do Sudeste que ameaçam e/ou degradam seus habitantes. Tendo esse princípio, analisemos mais aprofundadamente a face urbano-industrial das metrópoles, temos que, em sua gênese, uma série de fluxos migratórios fizeram com que ocorresse a aglomeração de uma grande população sem meios de produção, que se tornou uma massa de mão de obra assalariada das indústrias, principalmente, mas também de outros serviços, e socialmente isolada da centralidade da cidade por consequência da fragilidade econômica, como vimos anteriormente, as cidades e indústrias do Sudeste não estavam preparadas para suportar tal contingente de imigrantes, resultando em um gigantesco número de pessoas amontoadas, habitando locais inapropriados, desempregadas e desamparadas pelo Estado.

Essa situação nos revela dois sentidos da violência urbana, a despercebida, e a percebida, abordemos então a primeira. A situação de desemprego, moradias precárias e desamparo do Estado, e inclusive sua opressão direta e indireta sobre tal população, gerou fome, frio e outras mazelas, toda essa configuração primária da formação das cidades e o início do desenvolvimento industrial até então, atingi diretamente a integridade desses habitantes em situação de vulnerabilidade social, sendo eles então, as primeiras vítimas da violência urbana na região.

Ainda em Morais (1981), nos é mostrada uma reflexão indispensável, o ser humano age através de dois princípios, o querer e o poder, todos nós somos seres desejantes, sempre desejamos algo, e para realizarmos nossos desejos necessitamos do poder, que nos dá os meios para satisfazer tal anseio, desse modo, poder é literalmente poder, poder realizar atos e alcançar a satisfação dos anseios. Aplicando isso à sociedade urbano-industrial presente naquele momento e, consolidada em partes, até hoje, temos duas parcelas de população, a população dona dos meios de produção industriais, economicamente e politicamente detentora do poder, e do outro lado, uma massa de assalariados e desempregados, que não possuem poder, como então satisfazer seus anseios e necessidades, as quais, nem as básicas são atendidas muitas das vezes? Resta a violência, como o autor destaca, para essas pessoas frustradas em relação ao poder, sobra a prática da brutalidade como meio de sobrevivência e aquisição, resultando em roubos, tráfico, e ações afins, essa é a parte da violência urbana percebida e, além disso, destacada pela mídia e outras instituições, sendo um falso moralismo sistemático que encobre, ou melhor, revela, toda uma ideologia, que sustentada pelo grupo hegemônico dominante, seletivamente ataca esses grupos vulneráveis para defender seus interesses e os coloca como agentes principais e únicos de toda a violência urbana.

Voltemos para a violência despercebida, dentro desta se encontra, não necessariamente despercebida, mas sim intensamente legitimada e naturalizada, a

violência policial, pertencente ao quadro opressor do Estado, que com o discurso de combate ao crime e promotor da segurança pública, é responsável por um número gigantesco de mortes, que possuem, em sua maioria, classe social e cor. De um panorama geral, segundo o Monitor da Violência de 2018, na Região Sudeste 2.582 pessoas foram mortas por policiais, dentre todas as circunstâncias, incluindo homicídios por abuso de poder, conflitos armados durante atuações policiais e outros motivos menos influentes que não abordaremos nesse trabalho para não desviarmos do objetivo. Falando sobre a Instituição policial não devemos nos esquecer das milícias, grande promotora da violência explícita e de outros abusos nos territórios periféricos, e que, na condição de crime organizado, revela toda corrupção da instituição e do Estado de modo geral, deflagrando e desmistificando o caráter de agentes do bem e promotores da segurança.

A violência urbana despercebida, ou melhor, ignorada, também se encontra na estruturação da dinâmica do cotidiano e do estilo de vida da massa e principalmente da periferia, que generalizadamente, tem que se locomover por horas em transportes públicos para ir e voltar do trabalho por ruas e vias lotadas de informações visuais agressivas, realizar as tarefas designadas no trabalho, sem remuneração e condições dignas e coerentes para tal, durante oito horas diárias ou mais, e por vezes, aos finais de semanas e feriados também, a restrição de acesso a certos locais responsáveis por lazer, cultura, e educação por diversos motivos, tal como a cor da pele, condição socioeconômica, distância espacial, falta de tempo por trabalho infantil para complemento da renda doméstica e outros fatores sociais diretamente e indiretamente estressantes, como mostra a seguinte declaração de uma pesquisa psiquiátrica sobre o estresse.

Além dos eventos de vida estressores, os denominados acontecimentos diários menores, que podem ser vivenciados em diversas situações cotidianas, como perder coisas, esperar em filas, ouvir o som do despertador ou o barulho provocado por vizinhos, também são provocadores de resposta de estresse. Muitas vezes estes acontecimentos diários menores, quando frequentes, geram resposta de estresse com efeitos psicológicos e biológicos negativos mais importantes do que eventos de vida estressores de menor frequência. (MARGIS; PICON; COSNER; SILVEIRA, 2003).

Como é apontado pelos pesquisadores, acontecimentos cotidianos, quando intensamente frequentes, podem ter danos mais nocivos à saúde psicológica e biológica do que acontecimentos estressantes de menor frequência, definido por eles como os eventos inevitáveis, externos a nós, por exemplo, a morte de pessoas próximas. Aplicando isso à rotina das grandes cidades e, ainda mais sob a perspectiva de uma população já em estado de vulnerabilidade em um panorama geral, os danos são ainda maiores pela quantidade de situações delicadas serem maiores e os meios de ação mais rarefeitos e difíceis.

É contundente realizarmos maiores reflexões sobre a violência percebida e a não

percebida em relação aos seus agentes e a maneira com que são postas na sociedade através de discursos diferentes, e questionarmos os agente que promovem tais discursos, os quais simplificam o amplo universo da violência urbana em simplesmente delitos cometidos por bandidos e os chamados “marginais”, se esquecendo de toda a truculência das instituições públicas e privadas corruptas e mutuamente coligadas para defender seus interesses, por exemplo, as mudanças promovidas pela reforma trabalhista de 2017, proposta do presidente Michel Temer, é uma violência extrema promovida pelo Estado em conjunto com as organizações privadas que atinge toda a classe trabalhadora nacional, uma violência legitimada pelo poder e posição que possuem e ocupam politicamente.

Essa espécie de atuação nos serve para repararmos na maneira como a violência é exercida de modo diferente pelos detentores do poder, seja ele em qualquer âmbito, e que geralmente se coligam. Enquanto a violência dos sem poder é uma maneira de exteriorizar toda a impotência que lhes é imposta a partir dos empecilhos sociais sistemáticos, desse modo, muitas vezes, se apresentando como meio de ação e sobrevivência, já a violência dos poderosos, geralmente, é discreta, silenciosa e disciplinar, caracterizando uma sociedade de controle eficaz, porém, a violência explícita também é usada em certos casos, como por exemplo, a sequência de ações e declarações violentas de Wilson Witzel, governador do Rio de Janeiro, ocorridas esse ano, que inclusive lhe rendeu uma denúncia por parte da Comissão de Direitos Humanos da Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro (Alerj) à ONU e à Organização dos Estados Americanos (OEA), pelo grande índice de mortes cometidas por militares do Rio de Janeiro, sobre tudo com seu aval, apenas no primeiro quadrimestre de 2019 foram mortas pela policia do Rio mais de 400 pessoas.

Relação do consumo com o espaço urbano e a violência pertinente nele

A cultura do consumo foi historicamente construída e aplicada, graças ao sistema econômico, que também formatou o espaço das metrópoles da Região Sudeste baseado na produção industrial, onde se acumulava um contingente gigante de pessoas vulneráveis, essa situação social e espacial se encontra consolidada até hoje. Assim, temos uma complexa relação da cultura do consumo, formação do espaço e violência, e essas três faces da realidade metropolitana se desenvolveram e se intensificaram mutuamente no Sudeste, a partir da metade do século passado, o capitalismo industrial produz mercadoria, esta é produzida pelos assalariados e resulta no trabalho alienado, pois não possuem acesso ao que produzem, e são expostos o tempo todo ao ideal de consumo, mas pela falta de poder que possuem a brutalidade se mostra como meio de aquisição, isso, após toda essa violência imposta, e essa brutalidade é usada pelo discurso hegemônico como única e naturalmente culpa do pobres marginalizados, criando uma falsa figura de que todo pobre é bandido ou possui grandes chances de ser, isso é o suficiente para legitimar outras violências

convenientes para os detentores do poder defender seus interesses resultando em uma política de controle da sociedade na sociedade brasileira.

Esse complexo de relações evidencia toda a condição social vivenciada no Brasil pela população pobre e principalmente o problema do racismo estrutural em vigor ainda hoje, segundo Souza (2017), o racismo estrutural no Brasil foi sistematicamente construído a partir da Escravidão e atualmente se reflete na exclusão dessa população em diversos planos sociais, para além disso, atualmente há novos discursos hegemônicos para manter o controle social sobre os pobres, que em sua maioria no Brasil são negros, como mostram os dados do relatório de Retrato das Desigualdade por Gênero e Raça do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada de 2011, a população negra no Brasil tem renda média de 55% da renda da população branca, dados complementares do relatório mostram também a baixa escolaridade, e menor acesso a saúde, ainda mais para as mulheres negras, a parcela da população brasileira mais vulnerável socialmente. Atualmente o discurso de guerra às drogas é o principal ato de controle sobre a população pobre e negra das grandes metrópoles, sendo ligada a situação de encarceramento em massa, cedidas pela estruturação do sistema judiciário brasileiro, suas leis e a aplicação dessas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base na nossa proposta foi possível realizar considerações mais atuais sobre o fenômeno de entrelaçamento do consumo mundial, da indústria e da urbanização da região Sudeste, assim como as variantes da violência no espaço urbano, realizando observações sobre a própria realidade existencial violenta da população periférica, que sofre sistematicamente opressões explícitas e não explícitas por parte da elite econômica privada e do Estado.

Pudemos observar então, que, o ideal de consumo prevalecente atualmente, construído desde a Inglaterra do século XVII se alia com a questão das revoluções industriais e suas consequências, que chegam ao Brasil por volta de 1940, que juntamente com o contexto de migrações para a região Sudeste resulta numa débil estruturação urbana resultante de uma péssima qualidade de vida para a massa, que se encontra embrutecida pela anulação existencial que lhes é imposta, sendo a violência urbana causa e efeito dessa anulação.

A anulação da massa sem poder é produzida pela necessidade de controle da mesma para fins dos detentores de poder, que atualmente é a classe política e de grandes cargos do Estado e a classe possuidora dos meios produtivos do capital industrial e financeiro, e todo esse complexo dominador foi o primeiro expoente da violência urbana, que produziu a brutalidade como meio de ação e sobrevivência para a classe baixa. Porém tal processo é retratado pelos detentores do poder, que possuem a liberdade de explanar e impor seus discursos de modo distorcido, revertendo os

papeis da classe dominante com os dos dominados, colocando as vítimas primárias da violência urbana como principais autores desse fenômeno, produzindo um discurso de determinismo natural em relação aos pobres, que são em maioria pretos e marginalizados espacialmente e socialmente, controlados a partir de ações e políticas públicas e privadas legitimadas pelo Estado e que se alteraram e se alteram com o tempo.

REFERÊNCIAS

BUSNARO, E. A. Cultura do consumo e comportamento humano. FAESA, Vitória, v.3, n1, p. 27-32, jan. 2007.

CAMPBELL, Colin. A ética romântica e o espírito do consumismo moderno. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

CHAVEIRO, Eguimar Felício; DOS ANJOS, Antonio Fernandes. A periferia urbana em questão: um estudo socioespacial de sua formação. Boletim Goiano de Geografia, vol. 27, n. 2, 2007, p. 181-197, jan/jun Universidade Federal de Goiás. Goiás, Brasil.

COSTA, J. F. Perspectivas da Juventude na Sociedade de Mercado. In: NOVAES, R. ; VANNUCHI, P. (Org.). Juventude e Sociedade: trabalho, educação, cultura e participação. Rio de Janeiro: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

DEBORD, Guy. A sociedade do espetáculo. 2003. Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/debord/1967/11/sociedade.pdf>>. Acesso em: 10 jul. 2019.

FERREIRA, Alvaro. Favelas do Rio de Janeiro: nascimento, expansão, remoção e, agora, exclusão através de muros. Revista bibliográfica de geografia y ciencias sociales. Universidad de Barcelona. Vol.16, número 828, jun de 2009.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Arranjos populacionais e concentrações urbanas no Brasil. Rio de Janeiro, 2016.

IPEA- INSTITUTO DE PESQUISA ECONOMICA APLICADA. Retrato das Desigualdade por Gênero e Raça. Brasília, 2011.

MARX, Karl. O Capital: Crítica da economia política, livro primeiro: O processo de produção do capital. 2. ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 2013.

MCCRACKEN, G. Cultura e consumo: novas abordagens ao caráter simbólico dos bens e das atividades de consumo. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

MORAIS, Régis. O que é violência urbana. São Paulo: Brasiliense, 1991, ed. 13, 112 p.

RIBEIRO, Darcy. O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, 477 p.

MARGIS, R; PICON, P; COSNER, A. F.; SILVEIRA, R. O. Relação entre estressores, estresse e ansiedade. Revista de psiquiatria do Rio Grande do Sul. Rio Grande do Sul, Vol. 26, número 2, pag. 65-74, abri. 2003.

SANTOS, Milton, A urbanização brasileira. São Paulo: HUCITEC, 1993, 157 p.

SENNETT, Richard. The new culture of capitalismo. United States of America : Yale University Press, 2006, 214 p.

SILVA, Ana beatriz Barbosa. Mentos consumistas: do consumismo à compulsão por compras. São Paulo: Globo, 2014.

SOUZA, Jessé José Freire de. A elite do atraso. Rio de Janeiro: Leya, 2017.

SOBRE A ORGANIZADORA

Thaislayne Nunes de Oliveira: Possui graduação em Serviço Social pela Universidade Federal Fluminense (2013), com especialização na modalidade Residência Multiprofissional em Saúde Pública pelo Hospital Universitário Antônio Pedro (2015). Em 2017 se tornou Mestre em Política Social pelo Programa de Estudos Pós-Graduados em Política Social da Universidade Federal Fluminense. E inicia Doutorado no mesmo programa e universidade em 2018, pesquisadora e bolsista vinculada a Coordenação de Aperfeiçoamento da Pesquisa de Pessoal de Nível Superior (CAPES), na área de concentração Avaliação de Políticas Sociais e linha de pesquisa Avaliação de Políticas de Seguridade Social. Atualmente tem se dedicado a pesquisa com mulheres com câncer de mama, buscando identificar a trajetória do cuidado em saúde e aspectos que podem influir no acesso ao diagnóstico, tratamento e recuperação da doença. Possui experiência profissional na Previdência Social e na Assistência Social, e atualmente é Assistente Social na área da Saúde vinculada ao Núcleo de Apoio à Saúde da Família, no município do Rio de Janeiro. Atua ainda como palestrante em diversas atividades realizadas pela própria Prefeitura e também pela Universidade Estácio de Sá. A autora possui experiência nas áreas: direitos sociais, políticas públicas, seguridade social, envelhecimento, violência, rede socioassistencial, entre outros.

ÍNDICE REMISSIVO

C

Campo 7, 8, 9, 10, 11, 21, 36, 37, 38, 43, 44, 45, 46, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 59, 61, 62, 63
Camponeses 6, 36, 43, 44, 45, 48, 49, 50, 51, 52, 78
Capital 7, 9, 16, 17, 30, 33, 39, 41, 44, 45, 49, 50, 52, 83, 84, 89, 90, 91, 93, 94, 108, 109
Capitalismo 2, 39, 48, 52, 79, 82, 85, 90
Capitalista 38, 47, 48, 49, 52, 54, 79, 92, 107
Cidades 2, 12, 15, 17, 19, 27, 30, 39, 73, 78, 79, 80, 81, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 97, 99, 102, 107
Conflito 16, 23, 28, 31, 33, 34, 35, 46, 49
Consumo 6, 42, 47, 72, 73, 74, 76, 79, 82, 83, 84, 98, 107

D

Desenvolvimento 1, 2, 3, 6, 7, 8, 10, 11, 15, 19, 29, 39, 41, 48, 50, 52, 57, 58, 59, 60, 63, 67, 69, 73, 74, 76, 77, 80, 86, 88, 89, 92, 93, 98, 101, 102, 107, 108
Desigual 39
Desigualdade 83, 84
Dialética 36, 37, 46, 73
Dialético 41, 48

E

Econômico 4, 16, 18, 19, 20, 21, 33, 50, 60, 73, 75, 82, 88, 89, 90, 106, 107
Educação 7, 11, 16, 36, 37, 38, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 57, 58, 59, 60, 63, 70, 71, 81, 84
Energia 1, 3, 6, 9, 10
Eólica 3, 9, 10
Eólicos 1, 2, 3, 6, 7, 8, 9, 10
Espaço 2, 4, 9, 10, 12, 13, 15, 16, 17, 18, 19, 21, 23, 24, 29, 36, 37, 38, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 54, 55, 56, 61, 63, 64, 72, 73, 76, 78, 79, 82, 83, 86, 87, 89, 92, 94, 96, 97, 104, 106, 108, 110
Estado 2, 6, 7, 8, 12, 13, 14, 16, 18, 20, 21, 22, 24, 25, 27, 28, 31, 34, 49, 50, 51, 53, 54, 56, 57, 58, 59, 61, 63, 65, 66, 69, 71, 72, 73, 77, 80, 81, 82, 83, 84, 86, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 99, 105, 106, 107, 109

F

Família 2, 6, 10, 22, 47, 48, 59, 60, 63, 89, 110
Familiar 47, 48, 57, 59
Familiares 6, 51, 59, 62
Fronteiras 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 21, 23, 24, 26, 40, 55, 61, 102
Futuro 6, 87, 95

G

Geografia política 56, 57, 58, 60, 61, 63, 64, 69, 70
Geográfico 1, 9, 16, 19, 22, 44, 46, 61, 64
Geopolítica 13, 18, 24, 25, 26, 28, 29, 30, 34, 71

Global 1, 9, 10, 31, 36, 37, 40, 41, 42, 46, 47, 48, 73
Globalização 8, 9, 16, 36, 37, 39, 41, 42, 43, 47, 55, 64, 71, 74

I

Idosos 56, 57, 58, 59, 60, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71
Imobiliária 97, 98, 105, 107
Indígenas 38, 44, 45, 50, 51, 52, 87
Industrialização 72, 73, 78, 92

L

Local 1, 9, 10, 12, 33, 36, 37, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 47, 49, 52, 57, 58, 59, 87, 92, 94, 102, 107

M

Memória 56, 58, 61, 62, 63, 64, 70, 71
Mercado 19, 20, 21, 29, 30, 33, 76, 77, 78, 84, 89, 97, 99, 100, 102, 105, 106, 107, 108
Mercadoria 12, 16, 19, 21, 48, 74, 75, 76, 82
Metrópole 89
Movimentos 3, 16, 19, 27, 30, 31, 36, 37, 43, 44, 45, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 109

N

Nacionais 12, 13, 18, 36, 37, 41, 59, 63, 71
Nacional 10, 12, 13, 14, 16, 17, 19, 22, 28, 49, 53, 57, 61, 70, 71, 72, 78, 82, 92, 95, 99, 106
Natureza 3, 15, 23, 39, 43, 46, 49, 50, 54, 60, 63, 64, 75, 90, 106

P

Paisagem 1, 2, 3, 4, 5, 8, 10, 11, 14, 51, 109
Pobreza 1, 2, 7, 30, 73
Política 2, 6, 12, 13, 14, 16, 18, 21, 24, 25, 31, 43, 46, 49, 50, 56, 57, 58, 60, 61, 62, 63, 64, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 84, 86, 87, 88, 89, 93, 94, 100, 110
Progresso 1, 2, 3, 6, 96

Q

Quilombolas 38, 44, 45, 50, 51, 52, 55

R

Reestruturação produtiva 97, 98, 106, 109
Regional 1, 2, 24, 25, 48, 87, 93
Relações 12, 13, 15, 16, 19, 21, 27, 30, 34, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 45, 46, 47, 48, 61, 63, 74, 75, 83, 86, 95, 97, 99, 104, 107, 108

S

Seres humanos 38, 47, 64
Ser humano 39, 45, 46, 62, 73, 76, 80

Sociais 3, 6, 10, 16, 19, 23, 30, 31, 34, 35, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 46, 47, 48, 50, 51, 52, 53, 54, 57, 60, 61, 62, 64, 71, 73, 74, 75, 77, 81, 82, 83, 86, 104, 108, 110
Social 1, 2, 3, 10, 16, 23, 29, 30, 31, 39, 41, 43, 44, 47, 48, 50, 51, 52, 53, 54, 57, 58, 59, 60, 62, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 86, 98, 101, 107, 108, 110
Sociedade 5, 7, 9, 10, 14, 30, 31, 33, 37, 38, 39, 40, 42, 43, 44, 46, 47, 48, 50, 51, 53, 57, 59, 60, 62, 63, 67, 71, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 82, 83, 84, 86, 90
Socioeconômica 1, 10, 43, 57, 60, 81, 94
Socioespacial 12, 13, 15, 46, 84
Solo 3, 4, 8, 10, 61, 71
Sujeitos 28, 34, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 51, 52, 77

T

Tecnologia 37, 38, 39, 40, 53, 90
Territorial 1, 12, 13, 15, 16, 19, 22, 27, 36, 37, 44, 47, 48, 50, 51, 52, 55, 61, 77, 86, 93, 97, 98, 107
Território 1, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 22, 23, 24, 26, 27, 31, 36, 37, 38, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 61, 71, 78, 86, 87, 89, 90, 91, 92, 94, 100, 108

U

Urbanização 54, 72, 73, 78, 83, 84, 88, 93, 95, 97
Urbano 16, 48, 72, 77, 78, 79, 80, 82, 83, 86, 89, 90, 91, 93, 94, 102, 108

V

Valor 6, 13, 21, 33, 74, 75, 76, 102, 103
Violência 34, 51, 72, 73, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 110

